

A safra de 74

EDUARDO BRITO

16 OUT 1994

O presidente Itamar Franco participará ainda este mês de um jantar diferente. Será na verdade uma espécie de baile da saudade, reunindo os senadores eleitos em 1974, ano em que o ex-prefeito de Juiz de Fora recebeu seu primeiro mandato federal. Os organizadores convidarão também os demais senadores que, eleitos em 1970, participaram da legislatura. Dos 66 membros, 31 morreram e 35 deverão estar presentes.

A chamada safra de 74 já foi chamada de safra das zebras, pela quantidade de surpresas que trouxe. Os senadores eleitos nesse ano receberam o apelido de lotéricos. Uma onda de protesto sacudiu o País e, das 22 cadeiras de senador que estavam em jogo, 16 foram parar nas mãos de oposição, então abrigada no velho MDB. O povo comemorou efusivamente esse resultado, um claro recado ao governo da época. Os caciques não.

Isso é particularmente verdadeiro no caso de Itamar Franco. Conta-se que foram pedir ao chefe do MDB fluminense, senador Amaral Peixoto, que dedicasse uma pequena fração do horário eleitoral de seu partido a ajudar o candidato do partido em Minas. Afinal, muitas cidades do sudeste mineiro captavam os sinais das emissoras do antigo estado do Rio. Amaral Peixoto fechou a cara. "Nosso partido já tem candidato em Minas", respondeu.

Por nosso partido Amaral queria dizer o antigo PSD, de que fora presidente por décadas. O adversário de Itamar na campanha, concorrendo pela Arena, era o senador José Augusto, pessedista de carteirinha. De seu lado, os figurões do PSD mineiro não tinham qualquer simpatia por Itamar, que militara no PTB e era dado como simpaticante da UDN de Magalhães Pinto. Está aí o embaixador José Aparecido a provar que a tese não é totalmente sem pé nem cabeça. Os ex-pessedistas Tancredo Neves e Renato Azeredo, mesmo estando no MDB, deram pouca ou nenhuma assistência a seu único candidato majoritário.

Isso mostra a desconfiança com que as siglas partidárias sempre foram

encaradas no Brasil desde o terremoto que as fez desmoronar no segundo ano do regime militar. E, caso se façam as contas, dá para ver que a descrença dos experientes caciques não era tão absurda quanto poderia parecer à época. A trajetória dos lotéricos demonstra isso.

Dos 16 senadores eleitos pelo MDB só sete ficariam até o fim com seu sucessor, o PMDB, com outros dois mantiveram-se em partidos de retórica compatível com a oposição da época. Os demais seguiram trajetórias estranhas. Evandro Carreira e Evelásio Vieira peregrinaram por siglas e eleições diversas, sem conseguirem novo mandato. Leite Chaves passou anos demonstrando que era *collorido* desde criancinha. Agenor Maria envolveu-se em um confuso *arenebê* potiguar, logo depois de eleito. Embora Marcos Freire ficasse no PMDB até sua trágica morte, como ministro do governo Sarney, seus herdeiros políticos vincularam-se ao PRN e desapareceram politicamente nas eleições deste ano.

Em contrapartida, dos seis arenistas eleitos nesse ano, três passariam rapidamente à oposição. Um deles, Teotônio Vilela, chegou a ser considerado um dos principais líderes oposicionistas, para muitos o principal. Dois faleceram ainda nesse mandato, Henrique de La Rocque e Petrônio Portella, arquiteto da abertura política do regime militar.

Apesar de constituir uma demonstração palpável de que os partidos brasileiros não são confiáveis, a safra de 74 cumpriu um papel histórico importante. Mostrou que a oposição existia e sacudiu a modorra do Congresso da época. Paulo Brossard, que saudará Itamar em nome daquela bancada, reanimou o Senado em memoráveis debates com Jarbas Passarinho, outro dos eleitos nesse ano. Vinte anos depois, uma nova safra chega ao Senado. Talvez não haja motivos para crer que ela contribuirá para eliminar a crônica fraqueza dos partidos, mas dá-se como certo que, como em 74, ela dará nova vida ao plenário.

■ Eduardo Brito é editor do Decálogo